

Gostaríamos de testemunhar público preito de gratidão a tantos bons amigos cujo auxílio, em todos os aspectos, nos tem sido precioso. Desses amigos nos vêm conselhos, sugestões, entusiasmos, palavras de orientação, críticas, onde há sinceridade, honestidade, verdade, e dêles tudo temos acolhido com a satisfação maior. Doutros temos recebido facilidades e de muitos que nem sequer conhecemos, num gesto de simpatia pela nossa obra, vêm indicações de assinantes, ofertas de agencia, etc., etc. A todos aqueles que,

Sol Nascente

em sua consciencia, sintam que nos têm prestado auxílio, agradecemos dizendo simplesmente que os seus serviços são prestados à cultura que é, como está definida, ânsia de conhecimento do homem em si, do ambiente em que habita e da época em que vive, em relação com o passado. Aqui está o nosso agradecimento.

De quantos possam agradecer-nos mais assinantes

esperamos ainda esse préstimo à causa da cultura.

Há uma enormidade de projectos, entre os quais se conta a ampliação de «Sol Nascente», que depende do número de assinantes que obtenhâmos.

Esperamos que estas palavras não sejam baldadas como até aqui o não têm sido, e que todos os amigos, assinantes e leitores nos reservarão um pouco dos seus bons esforços.

FIM DE UMA POLÉMICA

Transcreve-se da «Seara Nova», N.º 519, de 24 de Julho, a seguinte nota de António Sérgio.

EXPLICAÇÃO E REPROVAÇÃO DE UMA DESMESURA PROPRIA

Tanto a maneira como certas frases das minhas «palavras a Abel Salazar», insertas na secção dos «Factos e Documentos» do N.º 515 da «Seara Nova», foram desaprovadas por amigos meus; e pareceu-me a coisa tanto mais estranhável quanto viram nela um desacôrdo profundo com os sentimentos que me inspirou sempre (como de há muito sabem) o illustre cientista e professor.

Não concordar com êsses bons amigos seria de-certo da minha parte uma grande imbecilidade e injustiça. Eles têm razão. Reprovo, pois, o que lhes pareceu a êles desaprovável; e cuido que o farei de maneira mais clara se explicar aqui ao mesmo tempo o que provocou a atitude que lhes mereceu censura.

O que critiquei em Abel Salazar, em última análise, foi o seu método de vulgarização filosófica: nada mais. Como acentuei, «a sua intelligência, a sua competência, a sua nobreza de intuitos, o seu grande saber, considero-os acima da discussão» («Seara Nova», pág. 211). Eu tinha motivos, aliás, para crer que êle próprio me dava razão, que concordava comigo pelo que respeitava ao método; e tal concordância só lhe fazia honra, porque provava nêle um admirável esforço de crítica objectividade e de isenção científica.

Achei naturalíssima, a-pesar disso, a defesa que apresentou da sua vulgarização filosófica, e que nós publicámos na «Seara Nova»: mas espantei-me de que levasse aquêlê mesmo debate—naquêlê mesmo tempo—para duas outras publicações periódicas, menos adequadas que a «Seara Nova» para tal género de discussões. Mas não foi só isso: o illustre cientista, nos seus artigos do semanário «O Diabo», passou a capitular-me de ignorante,—o que nada se relacionava com o nosso debate, porque eu não discutia de maneira alguma as «matérias» dos seus artigos—a Relatividade e o Empirismo-lógico—mas tam-só o método de as vulgarizar; e, além disso, acusou-me de delírios imaginários por certas coisas que lhe havia dito em carta «particular» que lhe dirigi, e não em público.

Mas nada disto, suponho eu, me afastou da maneira que eu deveria manter: a maneira própria do admirador e do amigo. O que me fez sair dessa maneira foi o artigo no «Sol Nascente». Eram, com êsse, quatro artigos, enviados a três publicações diversas, antes de aparecer uma resposta minha; e prolongava-se assim a discussão comigo criticando um trecho que eu escrevera a-propósito de afirmações de um outro autor, colaborador da «Seara» e meu amigo, e que se não ligava de maneira alguma com o assunto que eu debatia com Abel Salazar. Além disso, interpretavam-se aí as minhas frases precisamente ao contrário do que significavam.

Foi isto que me tirou daquele tom amável—de admirador e de amigo—que eu deveria manter até o fim. E' justo que eu reprove publicamente—como aqui o faço—as frases mais vivas da minha nota que pareceram desaprováveis aos meus amigos; é justo que rectifique o que

disse na «Seara» em patente elogio de Abel Salazar; mas também é justo que se ponderem (ao que me quer parecer) as circunstâncias atenuantes que aqui aponte. E a esta declaração de concordância com os seus amigos que me censuraram, junto a de que segurei o seu seu conselho de dar por findo, por minha parte, êste debate—A. S.

P. S. Em carta ao Dr. Pulido Valente e aos Srs. Ferreira de Macedo e Bento de Jesus Caraça, Abel Salazar declarou que também decidira não prosseguir na discussão.

Aos nossos assinantes

Aos nossos assinantes que, nas férias, mudem de residencia, pedimos o favor de nos participarem o seu novo endereço.

Aos que residem longe das localidades onde há correio, pedimos a tinezza de nos enviarem em sêlos a importância das suas assinaturas.